

## A RELAÇÃO INTERDISCURSIVA DO DISCURSO CAPITALISTA NO E PELO DISCURSO DE AUTOAJUDA

Lady Daiane Martins Ribeiro<sup>i</sup>  
Grenissa Bonvino Stafuzza<sup>ii</sup>

**Resumo:** O presente artigo pretende identificar e analisar a relação interdiscursiva do discurso de capitalista que constitui o discurso de autoajuda em *Você é insubstituível*, de Augusto Cury. Tomamos por base teórica a noção de interdiscurso de Michel Pêcheux (2009) e o pensamento dialógico da linguagem do Círculo de Bakhtin (2006) para pensar discursivamente de que modo o discurso capitalista constitui o discurso de autoajuda no *corpus* em estudo. Em *Você é insubstituível*, observamos vários outros discursos que atravessam e constituem o discurso de autoajuda, como o discurso religioso, o científico e o capitalista. Neste estudo, em especial, analisaremos a relação interdiscursiva do discurso capitalista no e pelo discurso de autoajuda, considerando que a relação do discurso capitalista que emerge do *corpus* pesquisado é também interdiscursiva com os discursos religioso e científico, de modo que esses três são apropriados pelo enunciador da autoajuda para culpabilizar o sujeito pelo seu insucesso, revelando, no fio discursivo da autoajuda, a marca característica do discurso capitalista: o individualismo.

**Palavras-chave:** Discurso. Interdiscurso. Autoajuda. Capitalismo.

**Abstract:** This paper aims to identify and analyze the interdiscursive relationship of the capitalist discourse that constitutes the self-help discourse in *Você é insubstituível*, from Augusto Cury. We assume as theoretical basis the notion of interdiscourse and dialogism, as proposed by Pêcheux (2009) and by the Bakhtin Circle (2006) to discursively think how the capitalist discourse constitutes the self-help discourse in the corpus. In *Você é insubstituível*, we observed several other discourses that constitutes the self-help discourse, such as the religious, the scientific and the capitalist ones. In this study, in particular, we analyze the interdiscursive relationship of the capitalist discourse in and through the self-help discourse, considering that the relationship of the capitalist discourse that emerges from the researched corpus is also interdiscursive with the religious and the scientific ones, so that the three discourses are appropriated by the self-help enunciator to blame the subject for his failure, revealing, thus, in the discursive thread of self-help, the hallmark of the capitalist discourse: the individualism.

**Keywords:** Discourse. Interdiscourse. Self-help. Capitalist.

---

<sup>i</sup> Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Regional Catalão. E-mail: ladyfsp@yahoo.com.br.

<sup>ii</sup> Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás (UFG), Regional Catalão. E-mail: grenissa@gmail.com.

## Introdução

O presente artigo<sup>1</sup> tem como objetivo analisar a relação interdiscursiva entre o discurso capitalista e o discurso de autoajudaem *Você é insubstituível*, de Augusto Cury (2002), utilizando como proposta teórico-metodológica a relação de diálogo teórico entre a Análise do Discurso de linha francesa e o pensamento dialógico da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin<sup>2</sup>, para pensarmos as construções interdiscursivas capitalistas que se estabelecem no discurso de autoajuda, considerando suas condições de produção e funcionamento.

No Brasil, uma das literaturas mais vendidas é referente ao gênero autoajuda. De acordo com Furloni (2009), os primeiros livros foram escritos no início do século XX, mas seu auge ocorreu no final deste século, especificamente na década de 90. Entre os autores brasileiros desse tipo de texto, Augusto Cury é o que possui um dos acervos mais vendidos no Brasil, composto, por exemplo, pelos livros *Inteligência Multifocal*, *Pais brilhantes, professores fascinantes* e o *corpus* deste trabalho, *Você é insubstituível*.

No geral, os livros de autoajuda apresentam fórmulas que fazem com que o leitor acredite ser capaz de realizar e conquistar o que deseja sozinho. Podemos observar que o discurso de autoajuda pode inculcar no leitor a crença de que ele é insubstituível em qualquer circunstância vivenciada, seja no contexto do trabalho, da família, nas relações amorosas etc. Além disso, a ideia transmitida é que o leitor possui capacidade de lutar incondicionalmente para obter sucesso sem o apoio do outro.

Segundo Rüdiger (1996), esse tipo de texto tem grande aceitação devido à crise do homem moderno e de seus valores morais, que o levam a buscar a individualidade em detrimento do social. A busca pela individualidade também se deve ao capitalismo e ao sistema de organização da produção que leva à divisão do trabalho, em que as especialidades são recorrentes, ou seja, um

---

<sup>1</sup> Trata-se de um recorte da dissertação de mestrado intitulada “Diálogo e Interdiscurso na literatura de autoajuda”, defendida em janeiro de 2014, no Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão.

<sup>2</sup>Concordamos com o Prefácio de Paula e Stafuzza (2010) quando as autoras situam que a dialogia da linguagem encontra-se no conjunto da produção teórica do Círculo, onde a voz autoral pertence à coletividade, pois “não podemos falar do Círculo sem mencionar a importância da amizade entre Bakhtin, Volochínov e Medvedev e da relação dialógica de seus escritos teóricos – feitos a quatro ou a seis mãos e, por vezes, por meio de trocas de identidades sob pseudônimos – como forma de resistência à visão totalitária do stalinismo” (PAULA; STAFUZZA, 2010, p. 14). Nesse sentido, tomamos os termos “Círculo de Bakhtin”, ou “pensamento bakhtiniano”, ou ainda, “dialogismo bakhtiniano” como proveniente de um construto teórico dialógico no conjunto da obra do Círculo.

sujeito tem o conhecimento técnico da funcionalidade ou do gerenciamento específico de determinado setor em uma empresa, por exemplo, e isso pode fazer com que o sujeito acredite ser capaz de conquistar tudo por si próprio ou que não haja substituições. Dessa forma, o discurso de autoajuda faz com que o indivíduo tenha a esperança de que algum dia alcançará realização profissional, sucesso e felicidade por mérito pessoal, no sentido de individualizado.

Na Análise do Discurso (AD), a ideologia é um dos elementos fundamentais quando analisamos os vários posicionamentos que perpassam um determinado discurso. De acordo com Pêcheux (2009), fundamentando-se em Althusser (2003), não é apenas pelo fator ideológico que se dá a reprodução/transformação das relações de produção, mas também pelos fatores econômicos. Isso significa dizer que a luta de classes “atravessa o modo de produção, e não se instaura em apenas um dos lados” (FURLONI, 2009, p. 121).

Os fatores ideológicos que atravessam determinados lugares, como a religião, o conhecimento científico, a política, entre outros, materializam-se nos aparelhos ideológicos institucionais: a escola, a família, a religião, a justiça, a moral (conforme as considerações de Althusser em *Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE)*). É por meio desses aparelhos que a ideologia se faz dominante e reproduz as relações de produção existentes. Porém, os AIE não são “máquinas ideológicas que reproduzem pura e simplesmente as relações de produção existentes” (PÊCHEUX, 2009, p. 131); os AIE são, ao mesmo tempo, e de forma contraditória, “o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações” (PÊCHEUX, 2009, p. 131).

O sujeito, nessa concepção, é constituído pela ideologia e pelo inconsciente, e tanto a ideologia quanto o inconsciente dissimulam essa existência, levando o sujeito a acreditar que ele se constitui por si só e em si mesmo. Dessa forma, o sujeito não é formado por ele mesmo, mas a partir de uma ideologia: como afirma Althusser (2003), o indivíduo se torna sujeito quando interpelado pela ideologia. O sujeito acredita que tem a liberdade de sujeito-falante, porém, esse sujeito-falante se constitui a partir da formação discursiva que o atravessa, a qual é carregada de ideologia.

Diante disso, o sujeito acredita que é unicamente dono de si mesmo, de seu dizer, de suas escolhas, esquecendo-se de que é constituído pelo social. A tomada de consciência do sujeito se dá através do outro, ou seja, é por meio

da interação social com o outro, mediada pela linguagem, que o sujeito se reconhece enquanto sujeito. Bakhtin (2011) afirma que

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar - a cabeça, o rosto, e sua expressão -, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. (BAKHTIN, 2011, p. 21).

O outro é, ao mesmo tempo, constitutivo do sujeito e fundamentalmente diferente em relação a ele, ou seja, a pluralidade de sujeitos encontra seu sentido não numa multiplicação quantitativa de “eus”, mas naquilo em que cada um é complemento do outro. Como afirma Bakhtin (2011, p. 14), “ao olharmos para nós mesmos com os olhos do outro, na vida sempre tornamos a voltar para nós mesmos”.

Pêcheux (2009), ao teorizar sobre as formações ideológicas, aborda a noção de formação discursiva (FD), sendo esta o resultado da combinação de diferentes discursos, o que, na AD, denominamos de interdiscurso. Os discursos que perpassam um determinado discurso são enunciados apreendidos pela materialidade linguística constituídos de acontecimentos e ideologias, marcados na história, que se transformam e se modificam no espaço social. Pêcheux afirma que:

A noção de formação discursiva (FD) começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu “exterior”: uma FD não é um espaço estruturalmente fechado, pois é constitutivamente “invadido” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhes suas evidências discursivas fundamentais. (PECHEUX, 1997b, p. 314).

Assim, uma formação discursiva é heterogênea, isto é, sempre constituída por diferentes discursos diante de um mesmo tema, gerando conflitos e tensões mediante aos diversos posicionamentos, com os quais os sujeitos concordam ou divergem.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006) e *Estética da criação verbal* (2011), a teoria do dialogismo fundamenta a ideia de que o diálogo constitui a linguagem; assim, o discurso é por natureza dialógico, na medida em que os

enunciados são produzidos a partir das várias vozes que circulam sob diferentes pontos de vista: as vozes se assemelham ou se contradizem no fio discursivo e é nessa dinâmica que os discursos são materializados. Portanto, o enunciado é célula na compreensão da produção e circulação dos discursos e dos sentidos.

De acordo com Bakhtin/Volochínov (2006, p. 116), “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”. A interação entre os sujeitos e o diálogo estabelecido entre eles é a origem constitutiva dos discursos, por isso, “[...] o discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir”. Assim, é pela interação social que ocorre o processo enunciativo e, conseqüentemente a constituição dos discursos.

A partir disso, a linguagem não é concebida de maneira individual, “nem é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 127), mas é produzida por seres sociais que, através do diálogo, mantêm relações com outros discursos que o antecederam e com os que serão produzidos posteriormente.

Nesta perspectiva, o caráter dialógico está presente em todos os discursos e esta concepção também é perpassada pela constituição dos sujeitos, pois é impossível pensar o ser humano fora das relações com o outro. Por isso, através dos enunciados produzidos entre os sujeitos é possível perceber as formações ideológicas e sociais construídas. Nesse sentido, o ideológico surge na interação social do homem, e não a partir da consciência individual. É somente na e pela relação social que são produzidos os signos ideológicos, pois “sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 31).

Portanto, analisar as construções ideológicas presentes num determinado discurso é importante para entendermos suas condições de produção, pois cada palavra tem sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos se inscrevem. Assim, por meio da análise dessas construções ideológicas é possível perceber a presença de diferentes discursos que se entrelaçam em momentos diferentes, provindos da história e de lugares sociais distintos.

Diante disso, buscamos identificar as ocorrências existentes nas sequências discursivas do discurso de autoajuda, a partir da identificação e

análise do discurso capitalista, considerando o enfoque teórico da perspectiva do interdiscurso e do dialogismo, a fim de percebermos os sentidos que são produzidos em sua relação com a constituição e o funcionamento do discurso de autoajuda.

## 1 Condições de produção do discurso capitalista

O discurso capitalista é um dos discursos que atravessam (e constituem) os discursos de autoajuda, de modo geral. Isso acontece porque o discurso de autoajuda reverencia o modo de produção capitalista como um sistema que trouxe ao ser humano a possibilidade de “escolher” a quem vender sua força de trabalho, bem como o mascaramento da pobreza em detrimento da elevação da riqueza.

O surgimento do modo de produção político-econômico-capitalista é datado no final do século XVIII início do século XIX, com o advento da Revolução Industrial nos países da Inglaterra, França e Alemanha, que posteriormente se expande para outros países do mundo.

A principal característica do sistema capitalista diz respeito ao acúmulo de capital (dinheiro) a poucos proprietários, donos dos meios de produção (fábricas, terras, máquinas, usinas etc.); em contrapartida, a maioria da população é de trabalhadores que vivem com seus salários provenientes da venda da força de trabalho. Desse modo, os donos de produção que detêm o capital ficam cada vez mais ricos e os trabalhadores cada vez mais pobres.

A lucratividade é a marca fundante do capitalismo e, para isso, esse tipo de sistema promove o consumo, pois, para obter lucro, é necessário que os indivíduos consumam. Assim, cada vez mais, o capitalismo faz uso de artifícios engenhosos como, por exemplo, a linha de crédito, para aumentar o número de consumidores desenfreados. Como a literatura de autoajuda encaixa-se no modelo econômico capitalista, observamos que essas obras possuem duas principais características: i) trata-se de um produto de consumo de massa e ii) fomenta o individualismo.

*Você é insubstituível* traz o título como um enunciado possível de ser analisado pelo viés do discurso capitalista, sendo, portanto, uma materialidade discursiva. O sujeito enunciator utiliza do pronome “você” como marca de informalidade para estabelecer uma proximidade com o sujeito leitor. Ao utilizar “você” como recurso de linguagem de aproximação,

o enunciador estabelece uma relação de existência com o sujeito leitor: ao mesmo tempo em que o leitor constitui-se leitor da obra, ele também está concretizado no texto, uma vez que a promessa é falar dele, sobre ele e para ele. Por outro lado, o pronome “você”, nesse contexto de análise, refere-se a qualquer indivíduo, a qualquer pessoa que compre o livro, ou seja, é vazio, impessoal e generalizante. Diante disso, o que era para ser uma marca pessoal (“você”) no discurso de autoajuda, acaba se deslocando para o sentido de “você” poder ser qualquer um ou pode ser todos em um sentido homogeneizante.

Essa estratégia de fazer com que o sujeito se sinta singular, insubstituível, é a forma com que o capitalismo apresenta o sujeito para manter-se dominante. Por isso, ao mesmo tempo em que é necessário incentivar, motivar o trabalhador a produzir mais, garantindo a ele recompensas pela assiduidade, bom comportamento, competitividade, qualquer vacilo é motivo de demissão, de substituição e aqui reside a contradição do discurso de autoajuda ao estabelecer com o discurso capitalista uma relação interdiscursiva.

Ao inculcar no sujeito que ele é insubstituível, o sujeito enunciador o apresenta configurado por uma ilusão sobre ele mesmo, por isso é válido retomar aqui os dois esquecimentos propostos por Pêcheux (2009). O “esquecimento número um”, que é da ordem do inconsciente, possibilita a ilusão sujeito de ser origem do dizer; já o “esquecimento número dois”, da ordem da enunciação, faz emergir a ilusão de que aquilo que o sujeito diz apresenta somente um sentido, uma forma de dizer. Diante disso, os dizeres não são inscritos no sujeito, mas eles são determinados pela maneira que os sujeitos são inscritos na língua e na história, ou seja, o sujeito não tem controle sobre si mesmo, pois é a linguagem que o constitui como tal e não o contrário. No entanto, o sujeito apresentado no discurso de autoajuda é constituído por ele mesmo, tendo controle absoluto de suas ações e potencial para dominar suas emoções e seus pensamentos. Segundo os estudos realizados por Brunelli (2004, p. 7),

O discurso de autoajuda, de uma forma geral, sustenta que o segredo para que qualquer um consiga melhorar de vida, alcançar o sucesso, ganhar muito dinheiro, etc. está na crença incondicional na realização dos sonhos, do projeto de vida, dos desejos, etc. Assim, quem acredita que vai conseguir, consegue e quem duvida, não. Trata-se, portanto, de uma questão de fé, de crença absoluta e, essencialmente, de jamais duvidar do poder que se tem de mudar a realidade.

Assim, podemos perceber que o discurso de autoajuda baseia-se na crença na capacidade de cada indivíduo de ter fé em si mesmo, ansejando incondicionalmente em realizar seus sonhos. Essa é uma característica primordial no desenvolvimento da discursividade da autoajuda.

No discurso de autoajuda podemos verificar diversas formações discursivas operando nas construções enunciativas. Em relação ao discurso capitalista em interdiscursividade com o discurso de autoajuda, concordamos com Brunelli (2004) sobre a questão da predominância de uma FD da autoestima em relação às outras FDs que compõem o discurso de autoajuda. Portanto, os indivíduos que procuram esse tipo de discurso assumem uma postura de baixa autoestima, sentem-se inferiorizados por não conseguirem o que desejam, acreditando que se realizarem seus sonhos (casas luxuosas, roupas de marca, carros importados etc.) terão uma vida plena e feliz. Ao assumirem uma instância-sujeito de baixa autoestima, esses indivíduos apresentam a necessidade de que essa autoestima seja orientada e direcionada para que alcancem o que desejam. Por isso, o primeiro enunciado que constitui essa FD de autoestima é a valorização do indivíduo, para que ele acredite plenamente em si e em suas habilidades.

## **2 “Determine ser alegre, seguro, feliz”: análise do discurso capitalista no discurso de autoajuda**

Como afirma Pêcheux (2009), todo discurso é formado por diferentes formações discursivas (FDs), constituídas por enunciados possíveis, os quais derivam sempre de um enunciado de base, que são retomados pela memória discursiva. Podemos, então, destacar um enunciado de base para a FD de autoestima presente no *corpus* de análise: *determine ser alegre, seguro e feliz*. O enunciador afirma por meio desse enunciado que qualquer pessoa, independentemente da sua condição de existência, é capaz de conquistar sucesso e felicidade, bastando acreditar em seu próprio potencial. Tomando por base o que foi discutido até aqui, prosseguimos com a análise das sequências discursivas do discurso de autoajuda, a partir de sua interdiscursividade com o discurso capitalista, extraídas do *corpus* *Você é insubstituível*:

Sequências Discursivas	
SD1	“[...] para provar isso, vou contar-lhe uma história real e impressionante de alguém que possui uma capacidade descomunal de lutar pela vida e que um dia foi o maior vencedor da Terra, o mais corajoso dos seres. Sabe quem? Você! Duvida? Deixe-me contar alguns fatos relevantes da sua biografia que talvez você desconheça!” (CURY, 2002, p. 26).
SD2	“Talvez fosse melhor desistir e se conformar com a derrota. Mas você era o ser mais teimoso do mundo, sua garra era incrível. Por isso jamais admitiu recuar. A palavra desistir não fazia parte do seu dicionário genético. Por quê? Porque, se perdesse essa corrida, perderia o maior prêmio da História. Qual? A VIDA” (CURY, 2002, p. 29).
SD3	“Um dia você foi inscrito para participar do maior concurso do mundo, da maior corrida de todos os tempos. Acredite, você estava lá! Eram mais de quarenta milhões de concorrentes. Pense nesse número. Todos tinham potencial para vencer e só um venceria. Será que você era mais um número na multidão ou tinha algo especial?” (CURY, 2002, p. 27)
SD4	“Que disputa era essa? A disputa do espermatozoide para fecundar o óvulo. A corrida pelo direito de formar uma vida. Talvez você nunca tenha imaginado, mas já participou da mais excitante e perigosa aventura da existência. Seria mil vezes mais fácil vencer as eleições para presidente de seu país. É incrível, mas você venceu! Como você conseguiu?” (CURY, 2002, p. 31).
SD5	“Sem sonhos, a vida não tem brilho. Sem metas, os sonhos não têm alicerces. Sem prioridades, os sonhos não se tornam reais. Sonhe, trace metas, estabeleça prioridades e corra riscos para executar seus sonhos. Melhor é errar por tentar do que errar por se omitir! Não tenha medo dos tropeços da jornada. Não se esqueça de que você, ainda que incompleto, foi o maior aventureiro da História” (CURY, 2002, p. 35).
SD6	“Quando temos um grande sonho, nenhum obstáculo é grande demais para ser superado” (CURY, 2002, p. 43).
SD7	“No mundo da emoção as palavras-chaves são "treinamento" e "educação". Você precisa treinar sua emoção para ser feliz. Você precisa educá-la para superar as perdas e as frustrações. Caso contrário, sua emoção nunca será estável e nem capaz de contemplar o belo nos pequenos eventos da rotina diária. Você contempla o belo?” (CURY, 2002, p. 22).
SD8	“Não milagre para mudar a personalidade, mas é possível treinar a emoção para ser feliz” (CURY, 2002, p. 62).
SD9	“Determine ser alegre, seguro, feliz. Dê um choque de lucidez em sua emoção, archive novas experiências! Seja autor e não vítima de sua história” (CURY, 2002, p. 61).
SD10	“Você é uma pessoa forte e especial. Superar um câncer, uma crise

	emocional, uma crise financeira, um transtorno profissional, um conflito de relacionamento é uma tarefa fácil comparada às turbulências que enfrentou para conquistar a vida que pulsa dentro de você. Nunca se auto-abandone e nem jamais desista das pessoas que o rodeiam, por mais que elas, ocasionalmente, o decepcionem!” (CURY, 2002, p. 101).
SD11	“Talvez você esteja tão ocupado que nem ache tempo para dialogar consigo mesmo. É provável que você cuide de todo mundo, mas tenha se esquecido de você mesmo. Talvez seja bom você fazer um "stop introspectivo": pare e repense seriamente o que você tem feito com sua vida. Será que você não se auto-abandonou?” (CURY, 2002, p. 79).

Percebemos que nas SD1, SD2, SD3, há a predominância da FD da autoestima e, a fim de confirmar essa hipótese separamos algumas expressões dessas sequências para uma possível interpretação de como se configura o discurso de autoajuda constituído pelo discurso capitalista. A primeira expressão é retirada da SD1, *um dia foi o maior vencedor da Terra, o mais corajoso dos seres. Sabe quem? Você!* Compreendemos por esse enunciado, levando em consideração a FD da autoestima, que, ao se reconhecer como uma pessoa inferior e para quem nada dá certo na vida, que não consegue o que deseja, o indivíduo assume uma postura de perdedor, de fracassado perante todos que o cercam em sua vida.

Nessa perspectiva, para que o indivíduo alcance seus objetivos, seja ele de caráter financeiro, afetivo, físico, profissional, amoroso etc., é preciso que ele acredite que é um vencedor, um ser que não perde as esperanças, sendo o *mais corajoso dos seres*. Por isso o sujeito enunciativo do corpus de análise retoma o processo de fecundação do óvulo com o espermatozoide na SD4, para provar ao seu leitor, que ele é vencedor desde os primeiros instantes de sua existência e propõe ao leitor uma apresentação *da sua biografia*.

Percebemos aqui a presença do discurso científico, mais especificamente de uma FD biológica, que diz que a vida humana tem início através do encontro do óvulo com um espermatozoide. Esse processo de encontro dessas “duas células” é demonstrado pelo sujeito enunciativo de maneira fantasiosa e espetacular pelas imagens: de uma corrida, de um grande concurso, de uma eleição para presidente, como vemos na SD3: *Um dia você foi inscrito para participar do maior concurso do mundo, da maior corrida de todos os tempos* e na SD4: *Seria mil vezes mais fácil vencer as eleições para presidente de seu país. É incrível, mas você venceu!*

A perspectiva que o sujeito enunciador transmite ao seu leitor do processo de fecundação é perpassada interdiscursivamente pelo discurso científico e atravessada pelo discurso capitalista. O sujeito enunciador apresenta o processo que a ciência legitima sobre a vida, mas a coloca numa dimensão de competição, algo muito característico do discurso capitalista, como mesmo emerge na SD3: *eram mais de quarenta milhões de concorrentes. Pense nesse número. Todos tinham potencial para vencer e só um venceria.*

Ao utilizar atividades que demonstram caráter competitivo como a corrida, o concurso e a eleição, podemos afirmar que o sujeito enunciador apropria-se dessas imagens com o objetivo de mostrar para seu destinatário que se a sociedade atual é perpassada por um viés competitivo, e isso não deve ser encarado como uma forma que se construiu socialmente: já “nascemos” em meio à concorrência. Por isso, o sujeito enunciador procura convencer o leitor de que é preciso descobrir essa força interior que o faz um competidor nato, pois o capitalismo aparece de forma naturalizada e não como uma estrutura regimental de governo que pode ser questionada e desaprovada pelo leitor.

Dessa forma, nas SD1, SD2, SD3 e SD4 o sujeito enunciador propõe aos seus leitores um reconhecimento de sua capacidade de lutar pelo que busca, pois desde a formação inicial de sua vida, a coragem, o esforço e a persistência faziam parte de sua existência. Assim, o sujeito enunciador se apropria de enunciados cuja predominância é de uma FD da autoestima, tais como: (SD1) *capacidade descomunal em lutar pela vida*; (SD2)  *você era o mais teimoso do mundo, sua garra era incrível*; (SD3)  *todos tinham potencial para vencer e só um venceria*; (SD4)  *talvez você nunca tenha imaginado, mas já participou da mais excitante e perigosa aventura da existência*; com o objetivo de convencer o leitor de que faz parte de seu ser a capacidade de almejar e conquistar seus anseios. Segundo Rüdiger (1996, p. 17), o discurso de autoajuda tem como base “o princípio de que possuímos um poder interior, passível de ser empregado na solução de todos os nossos problemas”.

Constatamos também a estratégia do sujeito enunciador de comprovar para o próprio indivíduo que o que ele deseja é real, verdadeiro e possível, uma vez que, desde sua concepção, o potencial para ser uma pessoa corajosa, destemida, são características fundantes de sua vida. Desse modo, o sujeito enunciador do discurso de autoajuda é alguém que detém conhecimento, trata-se de um sujeito enunciador seguro e confiante. Ao contrário do sujeito

que se encontra com baixa autoestima, sem rumo, desorientado, que necessita de alguém que o oriente e o ajude a encontrar seu caminho, por isso a necessidade da certeza. De acordo com Brunelli (2004), o sujeito enunciador do discurso de autoajuda é aquele que demonstra ser uma pessoa segura de si, que demonstra habilidade e conhecimentos sobre o outro, sobre as fragilidades do outro, e assim faz uso da certeza ao enunciar e se compromete com o que diz.

Entretanto, no *corpus* de análise encontramos duas sequências discursivas, SD5 e SD11, que fogem da regra da certeza, fazendo uso de um advérbio de dúvida: *talvez*. *Talvez fosse melhor desistir e se conformar com a derrota; Talvez você esteja tão ocupado que nem ache tempo para dialogar consigo mesmo*. Como já foi dito anteriormente, não é comum que o discurso de autoajuda se construa baseado em dúvidas, em questionamentos, pois o leitor de autoajuda procura por respostas.

Porém, analisando as SD5 e SD11, percebemos que, nesse caso, o advérbio de dúvida tem a função de provocar o efeito de sentido de certeza, pois ao levantar possível dúvida quanto à atitude do leitor frente aos acontecimentos, o sujeito enunciador dá margem a outras possíveis explicações, provocando no sujeito leitor uma dúvida com efeito de certeza, que o leva a acreditar que chegou à conclusão sozinho e não através de um encaminhamento do sujeito enunciador. De acordo com Furloni (2009, p. 162), “esse tipo de recurso gera no sujeito-leitor o efeito de ilusão de controle de seus pensamentos e conclusão”.

Como já mencionamos, a palavra adquire sentido dependendo das condições linguageiras, sociais, culturais e ideológicas nas quais ela está inserida. A palavra *sonho*, apresentada nas SD5 e SD6, vincula-se ao discurso capitalista visto que possui significado de alcance dos objetivos, de se traçar e atingir metas na vida. Nas expressões *sem sonho, a vida não tem brilho; quando temos um grande sonho, nenhum obstáculo é grande demais para ser superado*, percebemos que qualquer pessoa, independente de sua classe social, nível de escolaridade ou profissão, deve almejar um *grande sonho*, ou seja, não é qualquer sonho, mas um sonho que ultrapasse qualquer expectativa, por exemplo, ser um grande empresário, tornar-se um milionário, ter um casamento perfeito, ter uma posição social de destaque, entre outros.

Além disso, o discurso de autoajuda preconiza que todo aquele que busca viver seus sonhos com firmeza, e o busca com fé, é capaz de conquistá-

lo, de modo bastante generalizado. Mas, segundo os princípios que operam nos dizeres de autoajuda, para conseguir o que se deseja, aquele que almeja conquistar seus sonhos, deve estar ciente de que é o único responsável por isso. Sendo assim, deve tomar posição perante sua vida e lutar por aquilo que sonha. A proposta de realização do sonho individualizado, distante da maioria dos sujeitos, em sua maior parte desejos quase impossíveis de serem alcançados, diz sobre um posicionamento discursivo capitalista que, para sua manutenção, faz com que as pessoas almejem cada vez mais bem estar econômico e prestígio social, de maneira particular e individual.

Essa relação dialógica e interdiscursiva com o discurso capitalista perpassa e constitui o discurso de autoajuda de *Você é insubstituível* por meio de determinados dizeres, como os expressos nas seguintes sequências discursivas: (SD5) *melhor é errar por tentar do que errar por se omitir*; (SD6) *seja autor e não vítima de sua história*. Por isso, o discurso capitalista se utiliza de um jogo discursivo que aparentemente exalta o leitor de autoajuda com a expressão *seja autor*, que na nossa sociedade é alguém que possui conhecimento legitimado por seu grupo, respeitado por seu saber. Diferente de *vítima*, que produz o sentido de alguém passivo ou que sofreu alguma injustiça.

Nas SD7 e SD8, o sujeito enunciador utiliza as palavras “treinamento” e “educação” no sentido de que o indivíduo consiga dominar suas emoções a ponto de atingir a felicidade. Nesse sentido, uma pessoa feliz é aquela que consegue direcionar suas emoções a tal ponto que é capaz de superar *as perdas e frustrações*. O sujeito enunciador<sup>3</sup> do *corpus* de análise possui na sua formação acadêmica o curso de psicologia e trabalha com ferramentas da psicologia organizacional, dentre elas, a de treinamento. Podemos então verificar a interdiscursividade do discurso científico na relação entre o discurso capitalista e o discurso de autoajuda.

Atualmente, no mercado organizacional, o treinamento dos trabalhadores compreende desde o aprendizado da execução de tarefas específicas como manuseio de máquinas industriais até sobre como lidar e se comportar diante de diferentes situações de conflito, desenvolvendo autocontrole, boas relações interpessoais, entre outros. Das concepções que

---

<sup>3</sup>Augusto Cury, enunciador do texto de análise *Você é insubstituível*, apresenta-se como psiquiatra, cientista e autor. É também fundador da Academia de Inteligência, um instituto que promove treinamento de psicólogos, educadores e profissionais da área de recursos humanos.

envolvem o treinamento, a corrente behaviorista de Skinner (ciência do comportamento) é a mais utilizada entre os executores desse tipo de prática.

Grosso modo, na visão behaviorista o comportamento pode ser controlado e previsto, por meio do controle das variáveis presentes no ambiente. Por isso, através do controle das situações do ambiente é possível a manutenção do comportamento desejado. Para os behavioristas, o comportamento é apreendido, através da repetição. Nessa perspectiva, é preciso *treinar*, ou seja, repetir para aprender.

Esse processo, segundo o enunciador do discurso de autoajuda, não acontece de maneira rápida, pois se utiliza da palavra *milagre* na SD8 para dizer que a mudança verdadeira não acontece de uma hora para outra, mas que é necessário treinar a emoção para que a mudança da personalidade ocorra. O termo *milagre* é utilizado no discurso religioso, para designar algo impossível de acontecer naturalmente, mas que com a intervenção divina se concretiza. Na SD8 o enunciador utiliza essa palavra produzindo outros sentidos que podem dialogar e interagir com o sujeito leitor de autoajuda: o sujeito enunciador legitima e reforça a prática da repetição, como forma de alcance da felicidade.

Nas SD7 *you precisa treinar sua emoção para ser feliz* e SD8 *é possível treinar a emoção para ser feliz*; a felicidade é apresentada como algo a ser adquirido pelo uso da razão, isto é, pelo uso da razão é possível dominar a emoção e fazer dela o que bem entender. Dessa forma, no discurso de autoajuda é construído pelo sujeito da racionalidade, da criatividade, da autossuficiência, do autodomínio, da liderança, aquele que é capaz de alcançar unidade e sucesso sobre si mesmo.

A racionalização e o planejamento diário dos atos e comportamentos do sujeito são heranças legadas do iluminismo que surgem aqui como forma de manutenção do discurso capitalista na autoajuda. A ideologia iluminista que perpassa o discurso de autoajuda tem como princípio de que todo ser humano é livre para escolher e possui os mesmos direitos, sendo capaz de conseguir tudo que deseja pelo uso da razão. Essa premissa favorece principalmente a classe burguesa, que usufrui das possibilidades que o capital lhe oferece (posses, bens, bens de consumo etc.) por meio do trabalho dos assalariados e de sua massificação.

Como podemos verificar, na SD9, no recorte *determine ser alegre, seguro, feliz*, ou seja, a felicidade, a segurança, é questão de vontade e

determinação. É por meio da capacidade de decisão (racionalizar) que o indivíduo conseguiria se autoconhecer e conseqüentemente saberia agir em todas as situações cotidianas. O sujeito gerado pelo discurso de autoajuda é aquele capaz de dar conta de si mesmo, e de romper com as estruturas apresentadas como repressoras; por isso, esse discurso produz o sujeito autodisciplinador, atento a si mesmo, capaz de voltar-se para sua própria interioridade com a finalidade de buscar nela sua verdadeira identidade.

Na SD10, o sujeito enunciador apresenta vários tipos de sofrimentos: *superar um câncer, crise emocional, crise financeira, transtorno profissional, conflito de relacionamento*; numa mesma relação de igualdade, como se uma doença grave da ordem do corpo, da existência, pudesse ser equiparada a uma crise financeira. Assim, o enunciador homogeneíza situações que normalmente produzem sofrimento ao indivíduo e as coloca como uma *tarefa fácil*.

Podemos fazer dialogar a SD10 com a SD9, que, na expressão *seja autor da sua história*, coloca no indivíduo as responsabilidades por tudo que lhe acontece. Portanto, uma pessoa que não consegue tratamento médico para enfrentar uma doença, por motivos financeiros, ou situações de desemprego devido ao avanço tecnológico e conseqüentemente a troca da mão de obra humana para o maquinário, ao entrar em contato com os enunciados apresentados pelo enunciador poderá se culpabilizar por tudo que lhe acontece. Dessa forma, em seu acontecimento, o discurso de autoajuda apaga a questão social, homogeneizando o espaço social como de iguais condições e oportunidades para todos.

Essa estratégia de apresentar ao sujeito que qualquer situação a que for exposto pode ser superada, faz parte do movimento de constituição do discurso capitalista na composição do discurso de autoajuda. Como vimos, as condições de produção em que esse sistema econômico dominante se instaura são baseadas na premissa de que é preciso lucrar a qualquer custo, mesmo que para isso os donos de produção tenham que massificar, precarizar e desvalorizar as condições e força de trabalho da mão de obra do trabalhador. No entanto, esse processo é mascarado através de recursos que fazem com que os indivíduos se sintam valorizados e respeitados, por exemplo, por meio de premiações, funcionário destaque do mês, entre outros mecanismos.

No Brasil, a jornada de trabalho em média é de oito horas por dia, perfazendo uma carga horária de 40 horas semanais e, diante disso, a maioria dos indivíduos que trabalham por este período de tempo passa a maior parte de seu tempo nas organizações. Nessas condições, o enunciado da SD11, *talvez você esteja tão ocupado que nem ache tempo para dialogar consigo mesmo*, traz a inferência do sujeito enunciativo a respeito das atitudes do indivíduo: *é provável que você cuide de todo mundo, mas tenha se esquecido de você mesmo*. E propõe ao seu leitor um caminho: *Talvez seja bom você fazer um "stop introspectivo"*.

Como vimos, ao utilizar o advérbio “talvez”, o enunciativo o utiliza como mecanismo para que o próprio indivíduo se sinta dono de sua resposta. E, ainda, utiliza o verbo “será” que complementa o que ele quer atingir: que o indivíduo acredite ser ele que descobriu que é necessário olhar para dentro de si e verificar o que deve ser modificado. Nesse sentido, o leitor é levado a pensar que não são as condições de trabalho, o tempo gasto para que os donos de produção tenham cada vez mais capital, mas que o indivíduo deve olhar para si e resolver qualquer problema ou frustração somente na relação intrapessoal, desvinculando-se do social.

Por isso, o sujeito enunciativo, por diversas vezes, posiciona-se de modo a levar o leitor a se questionar sobre si mesmo, como acontece nas SD3: *Será que você era mais um número na multidão ou tinha algo especial?*; SD4: *Como você conseguiu?*; SD7: *Você contempla o belo?*; SD11: *Será que você não se auto-abandonou?* Ao mesmo tempo em que o sujeito enunciativo questiona um pretérito sujeito leitor, ele apresenta também uma possibilidade de resposta de cunho positivo: SD1: *Deixe-me contar alguns fatos relevantes da sua biografia que talvez você desconheça!*; SD4: *É incrível, mas você venceu!*; SD2: *A palavra desistir não fazia parte do seu dicionário genético*. Diante disso, o sujeito enunciativo posiciona-se de modo a orientar aqueles que não conseguem perceber seu potencial e acreditar que podem mudar de vida.

O discurso capitalista pode ser visto como um dos discursos que tentam validar o discurso de autoajuda, sendo, no corpus em estudo, atravessado pelos discursos religioso e científico. Observamos, portanto, uma relação dialógica e interdiscursiva entre os discursos capitalista, religioso e científico que constituem o discurso de autoajuda. Podemos pensar que, por meio das sequências discursivas analisadas, o discurso de autoajuda produz determinados sentidos que são construídos a partir dessa relação dialógica e

interdiscursiva com o discurso capitalista: o discurso de autoajuda, em última análise, atende aos interesses da classe elitista burguesa que visa manter-se dominante e por isso propaga um estado de felicidade que supera os sofrimentos, apagando a esfera da condição social da má distribuição de renda para a população.

### Considerações finais

Ao sugerir que o leitor se reconheça como autor de sua história, o discurso de autoajuda funciona numa concepção de que todas as situações da vida do indivíduo, seja de cunho econômico, afetivo, social, etc., são unicamente responsabilidades do próprio sujeito, ou seja, se o indivíduo conquista ou perde alguma coisa que deseja, ele é o autor, o responsável, tanto por seu sucesso como por seu fracasso. Há, sobretudo, um apagamento da esfera social em que vivem os sujeitos. Autoconhecimento, autodomínio, autossuficiência, autodeterminação, autodidatismo, autoanálise, autoterapia, autobiografia surgem como mecanismos e instrumentos para que os sujeitos possam se autoajudar. Esses mecanismos contribuem para firmar um discurso centrado exclusivamente no indivíduo, um discurso, por excelência, meritocrático.

A meritocracia diz que aquilo que o indivíduo realiza (obtem) é por méritos próprios, por sua força interior, não por fatores externos a ele. Essa ideia traz em sua concepção a justificativa do porquê de alguns alcançarem seus objetivos e outros não, pois os que conseguem são aqueles que tiveram fé em si mesmos e que buscaram a qualquer custo seus sonhos. Já “os indivíduos que não são ‘realizados’ são aqueles que não tiveram fé em si mesmos, que não acreditaram em sua força transformadora, ou não tiveram coragem de mudar, e preferiam ficar onde sempre estiveram” (FURLONI, 2009, p. 165). Portanto, é preciso tentar sempre, não desistir nunca, pois, na concepção do discurso de autoajuda em interdiscursividade com o discurso capitalista, parece que tudo se passa como se “os problemas com que o indivíduo luta, embora se originem de fatores sociais, possuem uma natureza pessoal, que não tem nada a ver com a realidade” (RÜDIGER, 1996, p. 17).

Podemos certificar, sob essa perspectiva, que o discurso de autoajuda reforça e legitima o individualismo, apropriando-se interdiscursivamente do discurso capitalista e com ele travando um (in)tenso diálogo, pois, na nossa

sociedade, o discurso capitalista é propagado ao se colocar em evidência os desejos individuais como necessidades. Assim, pode ser justificado o desejo de buscar e seguir um sonho desconsiderando o outro ou a qualquer preço ou custo, pois, para a autoajuda, todos podem e possuem dentro de si a competência para conquistar o que almejam, e o discurso capitalista ressoa na autoajuda: “para ser é preciso ter”. O outro não faz parte do processo da autoajuda; o outro é apagado no discurso de autoajuda pelo viés dialógico e interdiscursivo com o discurso capitalista: o outro é seu rival, seu adversário, seu concorrente (desbakhtinianamente, pois o outro pode até se constituir rival socialmente inscrito do sujeito, desde que por meio do diálogo e da interação, nunca pelo individualismo).

## Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). 9.ed. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

BAKHTIN, Mikail (V. N. VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes. 2011.

BRUNELLI, Ana. F. **“O sucesso está em suas mãos”**: análise do discurso de autoajuda. Campinas, 2004. 144 fls. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas.

CURY, Augusto. J. **Você é insubstituível**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

FURLONI, Ivi. **A autoajuda como interdiscursividade em ‘O alquimista’ de Paulo Coelho**. Uberlândia, 2009. 202 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Uberlândia.

PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. Prefácio. \_\_\_\_\_ (Org.). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. vol. 1, Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 13-30.

PÊCHEUX, Michel. A análise do discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3.ed. Campinas: Ed.UNICAMP, 1997a. p. 61-105.

RIBEIRO, Lady Daiane Martins; STAFUZZA, Grenissa Bonvino. A relação interdiscursiva do discurso capitalista no e pelo discurso de autoajuda. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 7, p. 118-136, dez.2014.

---

\_\_\_\_\_. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3.ed. Campinas: Ed.UNICAMP, 1997b. p. 311-319.

\_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4.ed. Campinas: Ed.UNICAMP, 2009.

RÜDIGER, Francisco. R. **Literatura de auto-ajuda e individualismo**. Porto Alegre: Ed. da Universidade do Rio Grande do Sul, 1996.

STAFUZZA, Grenissa. **Análise do discurso literário: das vozes de Homero em Joyce**. Curitiba: Appris, 2011.